**Estratégias de educação em saúde para crianças com deficiência**

socepis1@gmail.com Sociedade Cearense de Pesquisa e Inovações em Saúde

**Cássio da Silva Sousa1, Ana Vitória Sales de Almeida2, Antônio Anderson Araújo Azevedo3, Beatriz Sousa Lima4, Edvania Neves Ribeiro5, Ana Jéssica Silva Damasceno6**

1 Universidade Estadual Vale do Acaraú (cassio.silva011@gmail.com).

2, 3, 4, 5 Universidade Estadual Vale do Acaraú.

6 Escola Superior da Amazônia.

**Resumo:** AOrganização Mundial de Saúde (OMS) conceitua as deficiências como problemas, desvios ou perdas nas funções fisiológicas dos sistemas orgânicos, psicológicos, ou em estruturas do corpo. No mundo, 10% das crianças nascem ou adquirem algum tipo de deficiência. Muitos cuidadores buscam recursos em instituições filantrópicas, como apoio e auxílio, suporte de grupos familiares e troca de experiência com outras mães. No Brasil, tem-se a rede das Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), instituição que presta serviços de educação, saúde e assistência social. Neste estudo, objetivou-se descrever a vivência de acadêmicos de enfermagem na condução de atividades de educação em saúde com grupo de crianças com deficiência. Trata-se de um relato de experiência realizado em Sobral - CE no período de fevereiro a abril de 2019. Foram abordados temas como hábitos alimentares, prática de atividades físicas, solidariedade e valores, independência nas atividades de vida diária, motricidade fina e prevenção de acidentes domésticos. As ações foram realizadas com indivíduos portadores de deficiências diferentes e com faixa etária variando de 0 a 12 anos, a partir de metodologias ativas e lúdicas. Inicialmente, as crianças mostraram-se tímidas e receosas com as atividades, todavia essa característica não prejudicou o andamento das intervenções, pois os discentes adquiriram a confiança do grupo. Os participantes demonstraram carinho e respeito com os acadêmicos, funcionários da instituição, além de citarem o afeto presente em suas relações familiares. Ressalta-se a importância do lúdico para o processo de ensino-aprendizagem, sendo propício para o desenvolvimento de ações de promoção à saúde. Em geral, o grupo mostrou-se como espaço significativo para serem tratados assuntos referentes à saúde da criança, além de proporcionar o desenvolvimento da autonomia e socialização. Cabe ressaltar que as ações de extensão universitária contribuíram para o serviço bem como para o desenvolvimento em amplo espectro dos graduandos.

**Palavras-chave/Descritores:** Crianças com Deficiência. Educação em Saúde. Relações Comunidade-Instituição.

**Área Temática:** Tecnologias leves e sua interface com educação em saúde.

1. **INTRODUÇÃO**

A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) da Organização Mundial de Saúde (OMS) conceitua as deficiências como problemas, desvios ou perdas, nas funções fisiológicas dos sistemas orgânicos, incluindo as psicológicas, ou nas estruturas (partes anatômicas) do corpo (OMS, 2004). Segundo a OMS, pelo menos 10% das crianças no mundo nascem ou adquirem algum tipo de deficiência, seja física, mental ou sensorial, gerando repercussões negativas em seu desenvolvimento neuropsicomotor (BELMIRO *et al*., 2017). Já no Brasil, de acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde, em 2013 havia cerca de 6,2% de pessoas com deficiência (IBGE, 2013). Estes dados apontam para a necessidade de políticas públicas voltadas à proteção social e promoção da qualidade de vida desses indivíduos.

A detecção da deficiência durante a infância implica em diferentes desafios vivenciados pela família da criança, como o desconhecimento dos cuidadores sobre a condição de saúde do indivíduo, sobrecarga familiar gerada pela dependência contínua, além dos gastos com medicações e serviços especializados (COUTO, 2017). Nesse contexto, a rede de apoio social, que consiste no conjunto de vínculos sociais estabelecidos por laços de parentesco, amizade, profissionalismo ou assistência à saúde, revela-se uma importante ferramenta de enfrentamento desses desafios (BRIGNOL, 2015).

Muitos cuidadores buscam recursos em instituições filantrópicas, como apoio e auxílio de profissionais de saúde, suporte de grupos de famílias e troca de experiência com outras mães (COUTO, 2017). No Brasil, tem-se a rede das Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), composta por instituições que prestam serviços de educação, saúde e assistência social àqueles que necessitam e constitui-se de uma rede de promoção e defesa de direitos das pessoas com deficiência intelectual e múltipla (FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES, 2016).

Diante deste cenário, a Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência estabelece diretrizes em diversas áreas da atenção à população com deficiência, dentre elas a promoção da qualidade de vida dessas pessoas, que deve ser desenvolvida através de campanhas de comunicação social e processos educativos continuados (BRASIL, 2002). Desse modo, ressalta-se o papel fundamental que a educação em saúde exerce na efetivação da assistência integral à pessoa com deficiência, levando em consideração que oportunizam a interação dos profissionais de saúde com a comunidade, promovendo troca de saberes e proporcionando a geração de conhecimentos e comportamentos conscientes de saúde (MASSON *et al*., 2020).

Para implementação eficiente e continuada de ações de educação em saúde, o profissional pode apoderar-se de diferentes tecnologias. Merhy e Chakkour (2002) categorizam as tecnologias em saúde em três tipos: leve, leve-dura e dura. As tecnologias leves remetem às relações de subjetividade e interação entre os sujeitos e consequente produção do vínculo, acolhimento e fortalecimento da autonomia, já as leves-duras são definidas como os saberes agrupados que orientam o trabalho, como protocolos e especializações, e por fim, as tecnologias duras são representadas pelo material concreto, como máquinas e outros equipamentos.

A formação acadêmica dos estudantes de saúde deve ultrapassar o modelo biomédico, ao qual se baseia em métodos centrados na doença, na figura do profissional médico e no âmbito individual e curativo. Nesta perspectiva, espera-se que o ensino contemple o desenvolvimento de práticas e abordagens críticas, criativas e sensíveis mediante uso de tecnologias leves aos quais se baseiam nas relações e na promoção do cuidado, possibilitando o protagonismo dos indivíduos e da coletividade na produção do cuidado e na transformação da realidade (FRANCELINO *et al.,* 2020).

Em sua pesquisa, Pereira (2016) constatou que muitos profissionais da saúde referem sentimento de incapacidade para lidar com situações relacionadas ao cuidado da criança com deficiência, mencionado com uma das causas dessa insegurança, a qualificação insuficiente para a assistência a esse público durante a formação acadêmica. Percebe - se, então, a carência de medidas que viabilizem o preparo destes profissionais para o atendimento às necessidades básicas da pessoa com deficiência.

Cavalcante (2018) reconhece a extensão universitária como uma forma de ampliar o espaço de ensino-aprendizagem, de modo a superar a educação baseada apenas na transmissão de conhecimentos, acreditando no potencial que a comunidade tem para oferecer e trocar conhecimento com a academia. A autora relata também a relevância do incentivo à prática de estratégias de ensino-aprendizagem dialógica nas universidades, que propiciem conscientização e efetivação do compromisso com a sociedade, levando a condutas que ultrapassem o atual ensino tradicional, caracterizado pela alienação dos graduandos. Assim, a extensão universitária oportuniza a reestruturação dos processos de formação da graduação, permitindo uma interação transformadora entre instituições de ensino superior e sociedade (BRASIL, 2018).

Nesta perspectiva, a inserção dos estudantes de enfermagem em instituições que acompanham crianças com deficiência propicia o desenvolvimento de ações de extensão criativas, de abordagem holística, pautadas pela aprendizagem significativa, por meio de metodologias ativas com vistas à promoção da saúde e de forma a compreender atender as reais necessidades do público-alvo. Frente ao exposto, o presente trabalho tem por objetivo descrever a vivência de acadêmicos de enfermagem na condução de atividades de educação em saúde na APAE em um município do interior do Ceará.

1. **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, acerca de ações de educação em saúde realizadas por acadêmicos de enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) com grupo de crianças assistidas pela APAE do município de Sobral, no interior do Ceará. O relato de experiência caracteriza-se como uma ferramenta de pesquisa descritiva que permite refletir sobre uma ação ou um conjunto de ações, que retrata vivências de cunho profissional de relevância para a comunidade científica (PEREIRA *et al.,* 2020).

Com o intuito de construir uma formação profissional baseada no tripé universitário, o curso de graduação em enfermagem da UVA traz em sua matriz curricular o módulo Práticas Interdisciplinares de Ensino, Pesquisa e Extensão (PIEPE). O sistema modular adotado pelo curso possui a transversalidade do ensino como uma de suas características, portanto, o PIEPE perdura por quatros semestres, trabalhando com diferentes públicos-alvo. Desse modo, a realização de atividades de educação em saúde com crianças com deficiência aconteceu como proposta do módulo PIEPE II durante o período de fevereiro a abril de 2019.

A APAE de Sobral é uma organização social sem fins lucrativos que oferta diversos serviços às pessoas com deficiência, como estimulação precoce, tais como, serviço social, odontologia, fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, psicologia, pediatria e neuropediatria. Conta também com o Atendimento Educacional Especializado (AEE), a Oficina Protegida Terapêutica, direcionada à capacitação de adolescentes e adultos com deficiência para atividades laborais e o projeto Portal das Artes, que abrange música, teatro e dança. Além disso, oferece como atividades complementares aulas realizadas em uma brinquedoteca além de aulas de informática e educação física.

No período de realização das atividades aqui descritas a APAE oferecia atendimento a 215 crianças matriculadas no AEE e 70 pessoas nos demais serviços disponibilizados, com faixa etária variando de um mês a trinta e nove anos, em seus dois turnos de funcionamento, manhã e tarde. A instituição contava com uma equipe composta por 39 profissionais e 38 voluntários, além de alunos de projetos de extensão universitária dos cursos de pedagogia, educação física e enfermagem.

A descrição das atividades realizadas, bem como dos resultados obtidos com a vivência, foi estruturada em três categorias temáticas abrangendo o planejamento, a contextualização das ações, além dos desafios e contribuições da extensão universitária.

1. **RESULTADOS E DISCUSSÃO**
	1. **Planejamento das atividades abordadas**

Para planejamento das atividades a serem executadas, foi realizado um diagnóstico situacional, com foco na definição de prioridades. Segundo Silva *et al.,* (2016), o diagnóstico situacional é o resultado de um processo de coleta, tratamento e análise de dados coletados no local de estudo e pode ser considerado como uma das ferramentas mais importantes para o projeto das ações. Dessa maneira, foram feitas duas visitas à instituição, com o objetivo efetuar uma observação ativa, conhecer sua rotina, levantar informações e discutir as necessidades das crianças e do serviço.

A elaboração do plano de ação, realizada pelos discentes em mais de um momento, contou com a colaboração de profissionais da APAE, docentes e monitora do módulo em questão, além de uma terapeuta ocupacional, que não era funcionária da instituição, mas se dispôs a contribuir. É importante salientar que algumas ações planejadas precisaram passar por adaptações para adequar-se à realidade do público e assim, tornar a intervenção efetiva.

O diálogo inicial com a coordenadora da instituição foi fundamental para analisar as necessidades do serviço e estabelecer metas. Como a APAE em questão conta com o apoio de projetos de extensão de diferentes instituições educacionais, percebeu-se que o espaço o qual carecia de assistência era a brinquedoteca, portanto o plano de ação foi direcionado para este setor. Seguindo recomendações da coordenadora do serviço, as ações se desenvolveram principalmente no espaço da brinquedoteca, sob a supervisão e orientação da pedagoga responsável pelo setor, com grupos de crianças atendidas de acordo com o cronograma institucional.

As intervenções foram realizadas com indivíduos com idades e deficiências diferentes, o que acarretou em um desafio significativo na escolha das estratégias das ações. O grupo era constituído por pessoas com Síndrome de Down, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Paralisia Cerebral, na faixa etária de 0 a 12 anos. Assim, buscou-se trabalhar com abordagens que incentivassem a participação de todos os integrantes e que fossem acessíveis aos mesmos.

Santos *et al.,* (2018) destaca a necessidade da construção e aplicação de estratégias que visem o incentivo ao protagonismo da pessoa com deficiência, tornando-os capazes de modificar a sua realidade, e assim, rompendo os padrões impostos pela sociedade. Desse modo, as temáticas abordadas tiveram enfoque na valorização, na autonomia e na individualidade da pessoa com deficiência.

Levando em consideração a dificuldade que algumas crianças com deficiência possuíam como concentrar-se por longos períodos em uma atividade, buscou-se trabalhar principalmente com metodologias ativas e lúdicas, que incentivassem a criação de vínculos e o protagonismo do grupo, utilizando-se de diferentes instrumentos. A partir dos planejamentos, os discentes confeccionaram artefatos para serem utilizados nas dinâmicas e que pudessem ser reproduzidos pelos profissionais posteriormente.

O quadro a seguir apresenta as ações que foram executadas e o público alvo com o qual se trabalhou.

**Quadro 01 –** Estratégias de educação em saúde desenvolvidas na APAE de Sobral-CE.

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **TEMÁTICA/ AÇÃO** | **OBJETIVOS** | **MATERIAIS/ MÉTODOS**  | **PARTICIPANTES** |
| 1. Dinâmica de Integração | Conhecer o perfil do grupo. Construção de vínculo. | Caixa personalizada com comandos impressos. | 07 crianças |
| 2. Hábitos Alimentares Saudáveis e Prática de Atividades Físicas | Promover educação em saúde sobre a importância de hábitos alimentares saudáveis e incentivar a prática de atividades físicas. | Jogo com gravuras de alimentos saudáveis e não saudáveis. Música. | 08 crianças |
| 3. Solidariedade e Valores | Promover a prática e compreensão de ações de solidariedade e valores | Ilustrações sobre ações de solidariedade. | 08 crianças |
| 4. Independência na Realização das Atividades de Vida Diária | Estimular a independência nas atividades básicas diárias. | Ilustrações sobre atividades básicas diárias. | 06 crianças |
| 5. Estimulando a Motricidade Fina | Trabalhar a motricidade fina. | Material impresso contendo as letras do alfabeto com furos manuais para preenchimento com lã. | 04 crianças |
| 6. Prevenção de Acidentes Domésticos | Apresentar possíveis riscos para a ocorrência de acidentes domésticos e métodos de prevenção. | Cartilha educativa. | Pais de Crianças acompanhadas pela APAE |

Fonte: Elaborado pelos autores.

* 1. **Contextualização das Ações Realizadas**

A primeira atividade realizada denominou-se de “Dinâmica de Integração”, tendo como propósito principal a criação de vínculos entre os discentes e as crianças. Em uma caixa foram inseridos comandos escritos em fichas, como “abrace uma pessoa que você gosta”, “abraço coletivo”, “cante uma música”, dentre outros. Os participantes se dispuseram em círculo e o instrumento foi passado de mão em mão, ao som de uma música. Quando a música era pausada, a pessoa que estivesse com a caixa em mãos no momento deveria retirar um comando da mesma e executá-lo.

Inicialmente, as crianças mostraram-se tímidas e receosas com a dinâmica, todavia essa característica não prejudicou o andamento da intervenção, pois os discentes adquiriram a confiança do grupo por meio de escuta direcionada às necessidades apresentadas por cada indivíduo bem como pela criação de ambiente acolhedor. Também se observou que grande parte das crianças não sabia ler, portanto, os acadêmicos disponibilizaram-se para auxiliá-las na leitura e orientação sobre os comandos. Apesar disso, o momento contou com a interação de todos e o grupo expressou sentimentos de satisfação a respeito da dinâmica.

Estudo sobre a análise da acessibilidade de atividades gráficas para crianças com Síndrome de Down destaca o impacto que a apresentação visual do material utilizado, a organização do conteúdo abordado, e a adequação de diferentes elementos para transmissão de informações geram para o processo de aprendizado (BORGES *et al.,* 2017). Logo, optou-se por trabalhar nas atividades posteriores, o uso de ilustrações ao invés de textos apenas verbais, de modo a evitar possíveis sentimentos de exclusão.

A idealização de abordar as temáticas de alimentação saudável e promoção de atividade física concomitantemente surgiu como recomendação da pedagoga. Oliveira *et al.,* (2015) afirma em seu estudo sobre o desenvolvimento de ações metodológicas de educação em saúde e nutrição junto a portadores de deficiências, a existência de vários fatores que surgem como risco para obesidade infantil, como genéticos, fisiológicos e metabólicos.

Crianças com deficiência intelectual podem apresentar desempenho motor significativamente menos que aquelas sem deficiência, tanto em relação à habilidades de locomoção como no controle de objetos, entretanto, intervenções sistemáticas e contínuas envolvendo práticas de atividades físicas, como danças, jogos e esportes aquáticos, corroboram para o desenvolvimento de habilidades motoras fundamentais (VARGAS, 2018).

Neste dia, a intervenção foi feita em dois momentos. Inicialmente executou-se uma dinâmica na qual mostrava aos participantes figuras de alimentos, questionando-os se já haviam experimentado ou não e se acreditavam que eram saudáveis. Então, os mediadores da dinâmica explicavam de forma clara a importância de hábitos alimentares adequados para a saúde, além dos riscos do consumo excessivo de gordura, sal e açúcar.

Em seguida, fez-se um momento de dança, com músicas escolhidas pelo próprio grupo. A criança com paralisia cerebral também foi incentivada a participar, respeitando-se suas limitações físicas. Esta foi mencionada como a ação que mais os agradou.

A proposta da terceira atividade foi trabalhar a definição de solidariedade e de valores, além de encorajar boas práticas de convívio social. Foram dispostas em uma roleta, disponível na brinquedoteca, diversas ilustrações contendo situações cotidianas que envolviam respeito, ajuda ao próximo, amizade, familiaridade e solidariedade, que são valores imprescindíveis à vida humana. Ao rodar a roleta, o participante teria que descrever a imagem indicada e sua opinião sobre a mesma. Neste aspecto, coube aos facilitadores iniciar diálogos a partir da gravura apresentada e orientar sobre ações cotidianas para um bom relacionamento interpessoal. As crianças demonstraram o carinho e respeito que possuem para com os funcionários da instituição, além de citarem o afeto presente nas suas relações familiares.

Cunha (2015) destaca os impactos de se trabalhar conceitos que envolvem solidariedade e responsabilidade, colaboração, amor próprio e amizade, durante a infância, para que o indivíduo possa compreender valores que não são consolidados apenas com a convivência familiar, contribuindo para o seu desenvolvimento emocional e inclusão social.

Outro tema que deve ser desenvolvido junto ao indivíduo com deficiência é a promoção da independência na realização das atividades cotidianas. Assim sendo, esta foi trabalhada através de um jogo de dominó personalizado, onde em um lado havia imagens com tarefas básicas executadas desde a hora de acordar até a hora de dormir, como pentear-se e escovar os dentes, e no lado oposto as letras iniciais destas tarefas.

O uso do jogo auxiliou na detecção de dificuldades vivenciadas nas atividades de rotina. Apesar do conhecimento dos participantes sobre os benefícios das tarefas elencadas, os mesmos possuíam dúvidas ou dificuldades quanto à sua execução, referindo que na maioria das situações as atividades são feitas pelos cuidadores responsáveis.

Gomes (2017), em sua pesquisa com famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista constatou que 95% destas apresentavam pelo menos um tipo de dependência nas atividades de vida diária, sendo dependência para higienização a mais prevalente, influenciando negativamente o manejo familiar no contexto do TEA. Logo, identificar desafios existentes neste aspecto e as adaptações de rotina e utensílios que podem ser feitas a fim de minimizá-los torna-se imprescindível.

Cabe ressaltar que esse processo adaptativo envolve o indivíduo e sua família, devendo ser contínuo (MACIEL, 2017), portanto, ações educativas pontuais como a descrita podem contribuir, mas não são completamente efetivas se não forem reforçadas constantemente.

Em uma das intervenções trabalhou-se a motricidade fina, nesse sentido, Andrade *et al.,* (2017) destaca a relevância em abordar motricidade fina desde as fases iniciais de crescimento e desenvolvimento, visto que esta prática promove o trabalho com pequenos músculos mediante realização de movimentos coordenados e exercícios refinados, promovendo a habilidade em pegar diferentes objetos de diversos modos e auxiliando no movimento de pinça, essencial para a linguagem escrita.

Os discentes de enfermagem utilizaram material confeccionado em folha A4, com as letras do alfabeto impressas e perfurações manuais contornando-as, com o intuito de que as crianças utilizassem barbantes para preencher os espaços das letras, como uma espécie de costura. Ao longo desta atividade, observou-se a destreza por parte de algumas crianças ao manusear o barbante, apesar de outras terem necessitado de auxílio para concluir a tarefa com êxito.

Com o objetivo de orientar pais, mães e responsáveis das pessoas assistidas pela instituição sobre a prevenção de acidentes domésticos envolvendo pessoas com deficiência, foi produzida, pelos acadêmicos, uma cartilha intitulada “Lar em segurança: prevenção de acidentes domésticos à pessoa com deficiência”. Este material continha informações e orientações quanto à prevenção dos riscos aos quais as pessoas com deficiência encontram-se expostos diariamente.

Bezerra *et al.,* (2014) afirma que os acidentes domésticos em crianças menores de cinco anos são apontados como uma das principais causas de morbimortalidade da população com idade entre um a 14 anos mundialmente. Esta estatística pode ser ainda maior ao nos referirmos à criança portadora de deficiência, em razão da existência de diversos fatores individuais e coletivos que corroboram para este a existência deste problema de saúde pública.

* 1. **Desafios vivenciados e contribuições da extensão universitária**

Algumas dificuldades surgiram ao longo da vivência. Os acadêmicos depararam-se com um público-alvo com o qual não haviam trabalhado em outros momentos da graduação, tendo conhecimentos teóricos insuficientes sobre a saúde da pessoa com deficiência. Além disso, o plano inicial de ação teve que passar por modificações para adequar-se à rotina da instituição e eventos comemorativos que ocorreram durante o período, como a celebração do Dia Mundial da Síndrome de Down e a caminhada pelo Dia Mundial da Conscientização do Autismo.

Como maneira de integrarem-se ao serviço, os acadêmicos participaram dessas comemorações, em que tiveram a oportunidade de entender um pouco mais sobre as experiências vividas por famílias de indivíduos com deficiência. À medida que o contato entre discentes e o grupo foi se intensificando, tornou-se explícito o sentimento de confiança mútua, caracterizada por relações de amizade, descontração e aprendizados.

Outro desafio foi saber empregar uma linguagem adequada à faixa etária do grupo e as particularidades de cada deficiência. Crianças com autismo, por exemplo, podem manifestar aspectos de interação social ou comunicação prejudicada, como manter-se isolada, não atender pelo nome, dificuldade para atender a ordens ou solicitações, além do interesse restrito e estereotipado por determinadas atividades (BRASIL, 2015). Já indivíduos com Síndrome de Down podem apresentar problemas auditivos e psicomotores, enquanto distúrbios da comunicação em paralisia cerebral acontecem de forma heterogênea (BRASIL, 2015; BRASIL, 2013).

Constatou-se a importância do lúdico para o processo de ensino-aprendizagem dessas crianças, sendo a brinquedoteca um local propício para o desenvolvimento de ações de promoção à saúde, corroborando com o que afirma Costa *et al.,* (2019) que define a brinquedoteca como espaço que preserva um componente imprescindível para a assistência à saúde no cotidiano infantil, o brincar.

As atividades não ocorreram sempre como planejadas ou de acordo com as expectativas formadas e certos improvisos foram necessários. Neste aspecto, a supervisão da professora da APAE foi de suma relevância, pois a mesma orientava sobre a melhor maneira de conduzir os momentos e de lidar com as singularidades de cada integrante do grupo.

Vale destacar a colaboração da Terapeuta Ocupacional, que orientou sobre estímulos sensoriais, desenvolvimento de habilidades de motricidade fina e confecção de materiais, além de elucidar algumas dúvidas dos acadêmicos sobre as especificidades dos tipos de deficiência. Frente ao exposto, evidencia-se a importância da atuação de uma equipe multidisciplinar, com profissionais habilitados, na promoção à saúde da pessoa com deficiência (GOLLO; GRAVE, 2020).

A partir de relatos de profissionais da APAE, puderam-se perceber as repercussões da extensão para o serviço, como a troca de saberes, a criação de modelos de atividades e artefatos que poderiam ser reproduzidas posteriormente, além do auxílio nas atividades rotineiras. Como refere Cavalcante (2018), as maiores potencialidades da extensão em âmbito acadêmico encontram-se nas iniciativas e protagonismo dos discentes, ao contribuir com o serviço e a comunidade.

1. **CONCLUSÃO**

O grupo mostrou-se como um espaço significativo para serem tratados diversos temas relativos à saúde da criança, além de favorecer a socialização e autonomia destas. Deve-se enfatizar que o processo de ensino-aprendizado e estímulo das crianças com deficiência deve ser contínuo e sistemático a fim de que se torne efetivo.

Observaram-se as dificuldades na busca por estratégias de promoção à saúde em grupos de crianças com deficiência, como o planejamento de atividades acessíveis e atrativas a todos, respeitando as capacidades cognitivas e motoras individuais, a adequação da linguagem das informações ao público, além da construção de artefatos que sejam lúdicos e instrutivos ao mesmo tempo.

Como mecanismos de superação desses desafios teve-se a busca de informações na literatura, o trabalho interdisciplinar, a construção de vínculos, o processo de acolhimento, a participação em eventos do serviço, abordagem direcionada aos pais e capacidades adaptativas dos estudantes de enfermagem frente às adversidades que surgiram, reforçando o papel das tecnologias leves nas ações de saúde da pessoa com deficiência.

Vale dizer que a extensão contribuiu não apenas para o serviço e para a formação profissional dos estudantes, levando em consideração a aquisição de conhecimentos teóricos e a imersão em um ambiente pouco explorado na grade curricular, mas também para seu crescimento pessoal enquanto sujeitos de uma coletividade composta por diferentes realidades econômicas e sociais, através da superação de estigmas e prática de empatia.

1. **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, A. S. S; BARBOSA, C. C; BESSA, S. **A importância do estímulo ao desenvolvimento da coordenação motora global e fina**. Anais do Congresso de Iniciação Científica Estágio e Docência do Campus Formosa v. 2 (2017): Prática pedagógica e a formação docente: teoria e realidade. Disponível em: [https://www.anais.ueg.br/index. php/ciced/article/view/10507](https://www.anais.ueg.br/index.%20php/ciced/article/view/10507). Acesso em 06. Abr. 2019.

BELMIRO, S. S. D. R; MIRANDA, F. A. N; MOURA, I. B. L; MONTEIRO, A. I. **Atuação da equipe de enfermagem na assistência à criança com deficiência na atenção primária à saúde**. Rev enferm UFPE on line., Recife, 11(Supl. 4):1679-86, abr., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/15265/18065>. Acesso em 16. Jul. 2020.

BEZERRA, M. A. R; ROCHA, R. C; NEGREIROS, F. S; LIRA, F. M. O. M; SOUSA, L. T; SANTIAGO, S. C. G. Acidentes domésticos em crianças: concepções práticas dos agentes comunitários de saúde. **Cogitare Enferm**. 2014 Out/Dez; 19(4):776-84. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/37301>. Acesso em 09. Abr. 2019.

BORGES, A. L. E; PELOSI, M. B; NASCIMENTO, J. S; MELO, J. V. . Análise de Atividades Gráficas para Crianças com Síndrome de Down. **Rev. Bras. Ed. Esp.,** Marília, v.23, n.4, p.577-594, Out.-Dez., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v23n4/1413-6538-rbee-23-04-0577.pdf>. Acesso em 15. jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de atenção à pessoa com Síndrome de Down** . Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – 1. ed., 1. reimp. – Brasília : Ministério da Saúde, 2013. 60 p. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_pessoa_sindrome_down.pdf>. Acesso em 14. Jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. **Linha de cuidado para atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na rede de atenção psicossocial do sistema único de saúde**. Brasília/DF, 2015. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ linha\_cuidado\_atencao\_pessoas\_transtorno.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/%20linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf). Acesso em 15. Jul. 2020.

BRASIL. **Portaria Nº 1.060, de 5 de Junho de 2002.** Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt1060\_ 05\_06\_2002.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt1060_%2005_06_2002.html). Acesso em 15. Jul. 2020.

BRASIL. **Resolução CNE/CES 7/2018**. Diário Oficial da União, Brasília, 19 de dezembro de 2018, Seção 1, pp. 49 e 50. Disponível em: <https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808>. Acesso em 15. Jul. 2020.

BRIGNOL, P**. Rede de apoio à pessoa com deficiência física**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/135814>. Acesso em 15. Jul. 2020.

CAVALCANTE, A. S. P. **Ligas acadêmicas no ensino superior da área da saúde: potencialidades e fragilidade**. 2018. Dissertação (Mestrado em Saúde da Família) – Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família, da Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/33707>. Acesso em 23. mar. 2019.

COSTA, A. A.; SILVA, I. S. S. **Brinquedoteca hospitalar: o papel do pedagogo junto à equipe multiprofissional com crianças em estado de vulnerabilidade física e emocional.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Amapá, Santana, 2019. Disponível em: [http://repositorio.unifap.br:80/jspui/handle/ 123456789/206](http://repositorio.unifap.br:80/jspui/handle/%20123456789/206). Acesso em: 10. Jan. 2020.

COUTO, D. L. **A perspectiva de cuidadores primários acerca do diagnóstico da Síndrome de Down e o processo de adaptação da família nos primeiros anos de vida da criança**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Minas Gerais Escola de Enfermagem Pós-graduação em Enfermagem. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ANDO-AMTNHF>. Acesso em 15. Jul. 2020.

CUNHA, R. M. O. **Aprendizado e desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down**: estratégias pedagógicas. 2015. 39 f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar)—Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Brasília, 2015. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15852/1/2015\_ RosaMariaOliveiraDaCunha\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15852/1/2015_%20RosaMariaOliveiraDaCunha_tcc.pdf). Acesso em 15. Jul. 2020.

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES. **Quem somos?** Portal APAE. 2016. Disponível em: <http://apaebrasil.org.br/pagina/a-apae>. Acesso em 10 de jan. de 2020.

FRANCELINO, V. C. S; BREGALDA, M. M. Poesia, arte e sensibilidade: contribuições de um projeto de extensão para a formação de estudantes de terapia ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional.** 28(1), 50-73. Disponível em: [https://www.scielo.br/ pdf/cadbto/v28n1/2526-8910-cadbto-2526-8910ctoAO1820.pdf](https://www.scielo.br/%20pdf/cadbto/v28n1/2526-8910-cadbto-2526-8910ctoAO1820.pdf). Acesso em: 16. Jul. 2020.

GOLLO, C.; GRAVE, M. T. Q. Incidência de Crianças Participantes dos Programas de Estimulação Precoce de Cinco Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais do Vale do Taquari. **Revista Caderno Pedagógico**, [S.l.], v. 12, n. 1, maio 2015. ISSN 1983-0882. Disponível em: <http://www.univates.com.br/revistas/index.php/cadped/article/view/946/934>.

Acesso em: 15 jul. 2020.

GOMES, G. B. **Manejo familiar da criança com transtorno do espectro do autismo**. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado em Saúde da Família) - Campus de Sobral, Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2018. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/ 33717](http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/%2033717). Acesso em 15. Jul. 2020.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Pesquisa Nacional de Saúde**: ciclos de vida [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2013. Disponível em: [http://biblioteca.ibge.gov.br/ visualizacao/livros/liv94522.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94522.pdf). Acesso em 15. jul. 2020.

MACIEL, I. V. L. **Adaptação familiar ao cuidado continuado de crianças com Síndrome de Down**. Dissertação. UFMG, p.152. 2017. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/ handle/1843/BUBD-AP6G75](https://repositorio.ufmg.br/%20handle/1843/BUBD-AP6G75). Acesso em 15. Jul. 2020.

MASSON, L. N; SILVA, M. A. I; ANDRADE, L. S; GONÇALVES, M. F. C; SANTOS, B. D. A educação em saúde crítica como ferramenta para o empoderamento de adolescentes escolares frente às suas vulnerabilidades em saúde. **REME Rev Min Enferm**. 2020;24:e-1294. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/e1294.pdf>. Acesso em 10. Jul. 2020.

MERHY, E. E; CHAKKOUR, M. **Em busca de ferramentas analisadoras das Tecnologias em Saúde: a informação e o dia a dia de um serviço, interrogando e gerindo trabalho em saúde.** Em: Merhy EE, Onoko R, editores. Agir em saúde: um desafio para o público. 2ª ed. São Paulo: Hucitec; 2002. p. 113-50. Disponível em: [https://digitalrepository.unm.edu/ lasm\_pt/326/](https://digitalrepository.unm.edu/%20lasm_pt/326/). Acesso em 15. Jul. 2020.

OLIVEIRA, F. L. B; JÚNIOR, J. J. A**.** Extensão universitária: contribuições na formação de discentes de Enfermagem. **Rev. Bras. Pesq. Saúde**, Vitória, 17(1):19-24, jan-mar, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/rbps/article/view/12445>. Acesso em 16. jul. 2020.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CIF: Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde.** Direcção-Geral da Saúde/ Tradução e Revisão: Amélia Leitão. Lisboa, Portugal, p. 238. 2004.19-24, jan-mar, 2015. Disponível em: <http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2014/10/cif_portugues.pdf>. Acesso em 15. Jul. 2020.

PEREIRA, M. O; REINALDO, A. M. S; VILLA, E. A; GONÇALVES, A. M. Superando os desafios para oferecer formação de qualidade em enfermagem psiquiátrica. **Rev Bras Enferm. 2020;73(1):e20180208.** Disponível em: [http://www.revenf.bvs.br/pdf/reben/v73n1/ pt\_0034-7167-reben-73-01-e20180208.pdf](http://www.revenf.bvs.br/pdf/reben/v73n1/%20pt_0034-7167-reben-73-01-e20180208.pdf). Acesso em 03. Ago. 2020.

PEREIRA, T. I. A. F. A. **A Estratégia de Saúde da Família na garantia do acesso da criança com deficiência à rede de atenção**.. Dissertação (Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, 134 f, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: [https://www.arca.fiocruz.br/handle /icict/20550](https://www.arca.fiocruz.br/handle%20/icict/20550). Acesso em 15. Jul. 2020.

SANTOS, L. E; SCHNEIDER, F. V. M; FREITAG, V. L; COLOMÉ, I. C. S**.** Vivências acadêmicas em programa de educação na rede de atenção a pessoas com deficiência. **Rev Bras Promoção Saúde**, Fortaleza, 31(2): 1-6, abr./jun., 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/6865>. Acesso em 15. Jul. 2020.

SILVA, C. S. S. L; KOOPMANS, F. F; DAHER, D. V. O Diagnóstico Situacional como ferramenta para o planejamento de ações na Atenção Primária a Saúde. **Revista Pró-UniverSUS.** 2016 Jan./Jun.; 07 (2): 30-33. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/345>. Acesso em 16. jul. 2020.

VARGAS, L. M. **Contribuição de um programa de intervenção no desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais de crianças com deficiência intelectual**. 2015. 1 recurso online ( 188 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274698>. Acesso em: 10 jun. 2020.